



GOIÂNIA, 13 DE OUTUBRO DE 1991



Registros do ocaso de um povo

Após seis anos nas aldeias do Xingu, a cineasta e fotógrafa Rosa Berardo ajuda os índios a produzirem vídeo e filme sobre sua própria cultura

Antônio Lisboa

As lendas e mistérios da Amazônia, sob o sol quente e vermelho do Alto Xingu. A vida nas aldeias com todas as cores do realismo. Uma história registrada pelos próprios protagonistas. Esse é o traço peculiar do enredo do vídeo e do texto de livro que têm o dedo da cineasta e fotógrafa Rosa Berardo. Ainda sem título e aguardando edição, as obras são o resultado de seis anos de convivência no meio indígena.

Rosa Berardo penetrou pela primeira vez na área indígena em 1985, quando, como jornalista, teve acesso à reserva controlada pela Funai, para assistir ao ritual Kuarup. Retornando algum tempo depois com as fotos da festa, ela conquistou a amizade e a confiança dos índios. Com isso, conseguiu algo nada comum aos visitantes da reserva: embrenhar-se por todas as aldeias, conhecendo a vida dos silvícolas sob vários aspectos. Inclusive, podendo ver de perto cerimônias vedadas mesmo a milhares das tribos.

Assumindo o compromisso de registrar as muitas faces da sua cultura, Rosa Berardo propôs aos índios serem eles próprios os autores da tarefa. Em relação ao livro, participaria com a elaboração das fotos. Quanto ao vídeo, sua contribuição seria a parte técnica de assistência de direção. Tanto o texto quanto as filmagens são de índios. "Esse é um trabalho diferente, uma vez que o índio nunca foi agente de sua própria história", constata a jornalista.

Além do Kuarup (um tronco de madeira simbolizando o morto. Após um ano faz-se homenagem à figura do falecido), Rosa Berardo assistiu e registrou com o clic de sua câmera fotográfica, outros rituais. Um deles é o Javari, uma luta de guerra para a qual os índios canalizam sua agressividade numa espécie de jogo. O alvo é um boneco, que faz as vezes do inimigo, em quem atiram flechas e descarregam toda sua fúria e mágoas. Um desafo, cuja técnica é utilizada em psicodrama.

Outra festa fotografada por Rosa Berardo é "tauruanã".



Fotos: Rosa Berardo

Aos poucos, a cultura indígena vai se descaracterizando, com a introdução de hábitos como o uso do ray-ban



Proibido às mulheres; o "Kuarup" é um dos mais conhecidos e tradicionais rituais indígenas



Tanto em vídeo quanto em texto, o trabalho de Rosa Berardo tem a participação dos índios, o seu próprio alvo

Nesta, homens e mulheres dançam "para levar alegria à aldeia". Porém, a grande festa das mulheres é o "Iamuricunã". Nessa, elas podem lutar o ucauca (destinado quase sempre apenas aos homens), usando cocós, cantando e dançando durante três dias).

Engana-se, porém, quem imagina que o trabalho de Rosa Berardo limita-se apenas ao mero registro dos folguedos dos silvícolas. Existe nele um compromisso e, mesmo uma cumplicidade com esses povos. Trata-se principalmente de documentar

com todas as cores o que restou da cultura indígena nesses anos todos de contato com o branco.

Um dos aspectos que preocupa o cineasta é o avançado processo de descaracterização da cultura indígena. Segundo Rosa Berardo, são visíveis e danosos os rastros do homem branco nas aldeias. De vícios como o alcoolismo a doenças de vários tipos, devido a mudanças nos hábitos alimentares e a falta de assistência médica. O ciúme e a inveja hoje têm espaço entre as paredes das ocas. "Se alguém ganha um aparelho de rádio, por exemplo, é

motivo para ciúmes e desavenças entre caciques", relata a fotógrafa.

Há, entretanto, outros pontos não menos questionáveis de novas posturas dos silvícolas. Trata-se da dificuldade de adaptação aos seus próprios costumes a cada contato com a "cultura branca". Uma simples viagem a Brasília é motivo para jovens caciques se negarem a pintar o corpo novamente. Quase sempre, voltam com estranhos hábitos, como o de exibirem óculos "ray-ban" ao lado de tradicionais enfeites.

É quase milenar a noção de que os índios não possuem a voracidade capitalista da acumulação. Tanto, que sua economia se baseia na cultura de subsistência, na caça e na pesca sem desperdícios. Não realizam desmatamentos (a não ser mínimo, nos limites da área a ser cultivada) e possuem imenso respeito pela natureza. Esses costumes, porém, começam a mudar. Rosa Berardo vê traços seculares dessa cultura sendo abalados, violentados. Um exemplo é a introdução do alumínio como utensílio, em substituição à cerâmica (vide matéria ao lado).

Quem imaginaria a presença de curral e vaca na área da aldeia? E outra marca da presença do branco na trilha do indígena brasileiro. O animal come a mandioca brava, reservada à confecção de farinha, na região do Xingu. O resultado é a morte do animal. Para evitar outras mortes surge a necessidade de cercas, o que não é compatível com o desejo nato e inarredável de liberdade. São quase intermináveis os efeitos da introdução gradativa de valores da cultura branca nas aldeias amazônicas.

Falta de apoio

A falta de apoio a iniciativas culturais não constitui novidade. Como outros artistas, Rosa Berardo tem assistido ao descaso em relação à arte. Isso é constatado na dificuldade de patrocinadores, na iniciativa privada e, muitas vezes, em sonoras negativas de órgãos governamentais responsáveis pela gerência cultural.

Ao buscar apoio, ano passado, para a realização de seu filme André Louco, baseado em conto homônimo do escritor Bernardo Ellis, a cineasta diz ter sentido de perto o peso da decepção. "A então secretária da Cultura Maria Abadia falou que não iria me ajudar porque eu não era um Nelson Pereira dos Santos. Respondi-lhe que, por isso mesmo necessitava de apoio, uma vez que estava começando, diferentemente de um cineasta já consagrado", relata.

O resultado prático dessa insensibilidade, ela anota, viria algum tempo depois. André Louco repercutiu no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e na Mostra do Cinema Paulista, no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. Só que, como um filme representante de São Paulo (estado de onde partiu o patrocínio). Isso, apesar de tratar-se de um enredo regional de Goiás de o escritor, a cineasta e metade do elenco serem goianos. "É lamentável que isso ocorral. Até quando as pessoas de Goiás vão continuar fazendo seus trabalhos lá fora?", indaga com certo desencanto.

Na França, Rosa Berardo deverá fazer contato com editores e outras figuras que possam bancar o patrocínio tanto do livro quanto do vídeo. Ela crê que, por tratar-se de trabalhos inéditos, não haverá dificuldades. A cineasta faz questão de destacar que a renda de suas produções será toda revertida para as comunidades indígenas que inspiraram e ajudaram a realizar essas obras. Quando voltar de Paris, em meados de 1992, Rosa Berardo pretende realizar um longa-metragem baseado em uma das obras da escritora Clarice Lispector. "Espero, dessa vez, contar com o apoio da Secretaria da Cultura de Goiás", avisa (A.L.)

Resgatando a cerâmica

Arte remanescente da cerâmica indígena é registrada em vídeo. Rosa Berardo busca, com isso, resgatar esse lado da cultura indígena do Alto Xingu. Essa preocupação não tem razão de ser. Ela constatou a presença de bacias, panelas e tachos de alumínio em substituição a cântaros, cabaças e jarros, que antes constituíam peças com traços da arte desses povos.

Segundo a cineasta, a idéia do roteiro é dos índios, que, sob sua assistência, manejeram equipamentos no registro de sua própria história. Patrocínio e apoio oficial são algo que a fotógrafa não viu, apesar de haver batido a várias portas. Ela diz que contou simplesmente com a ajuda da TV Brasil Central, que cedeu câmera e cinegrafista para a filmagem. "Falta ainda ilha de edição para a montagem do vídeo", observa Rosa Berardo.

A idéia, ela conta, é passar o

vídeo nas aldeias onde se originou a história, com o objetivo de fazer os índios reaprenderem as técnicas de cerâmica, abandonadas com a chegada do alumínio. Segundo Rosa Berardo, somente a tribo Waurá domina essas técnicas. Quanto ao livro, ela conta que também necessita de montagem. A cineasta acaba de viajar para Paris, onde retoma seus estudos de tese de doutorado em cinema.

Formada em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás, Rosa Berardo possui diversos trabalhos em vídeo, cinema e fotografia, com exposições no Brasil e exterior. Ela lamenta a falta de assistência aos índios. Principalmente em relação à saúde. "Introduz-se o açúcar na reserva, mas não houve preocupação de se levar pasta de dente e dentista. Se no Xingu, que é uma área fechada, há tantos problemas, imagine-se nas outras regiões... É uma coisa muito séria", avalia a cineasta. (A.L.)



O hábito de pintar o corpo para os rituais é abandonado a cada contato dos jovens com a cultura branca